

**Título: Agenesia palpebral em gato (Felis catus): relato de caso**

Autor(es) Natacha Pereira; Maria Carolina Smilgat; Flávia Martorelli; Paolla Oliveira; William Volino de Souza\*

E-mail para contato: willvol@yahoo.com.br

IES: UNESA

Palavra(s) Chave(s): Agenesia; Pálbebra; Gato; Cirurgia; Oftalmologia

**RESUMO**

Agnesia palpebral é a completa ausência de todas as camadas da pálpebra. Pode apresentar-se como total ou parcial e afetar um ou ambos os olhos, que é a forma mais comum desta anomalia congênita das pálpebras de gatos, tanto domesticados quanto silvestres. Nenhuma etiologia específica é estabelecida, embora tenham sido sugeridos certo número de especulações, incluindo teratogenicidade, influências ambientais, bem como predisposição genética. O objetivo do presente trabalho é relatar a ocorrência da agnesia palpebral lateral bilateral, superior e inferior em um gato e com isso alertar os clínicos e cirurgiões veterinários para ocorrência desta anomalia, e sua devida reparação cirúrgica. Uma gata de seis meses de idade foi encaminhada ao Centro de Estudos, Pesquisa e Oftalmologia Veterinária, CEPOV, quando o proprietário queixava-se que, desde quando recolhida de uma via pública, apresentava irritação crônica em ambos os olhos, com acúmulo de secreção nos mesmos. O exame oftálmico revelou presença de acúmulo de material mucóide ressecado em ambos os olhos, severo acometimento por agnesia palpebral parcial, lateral bilateral superior e inferior. As córneas de ambos os olhos apresentavam-se com presença de neovasos superficiais desde a posição 6h até 1h em olho direito (OD) e da posição 11h até 6h em olho esquerdo (OE) e persistência de membranas pupilares (PMP) de íris a córnea e de íris a cristalino em ambos os olhos. Por decisão do proprietário o animal foi previamente submetido à ovariosterectomia para posterior cirurgia plástica palpebral. Durante este período até o procedimento cirúrgico ocular, foi prescrito o uso de um lubrificante ocular em gel, Epitigel®, na frequência de 4 a 6 X ao dia, após higiene com solução fisiológica fresca a 0,9%. Passados 30 dias da esterilização, o animal foi trazido para cirurgia, com a rotina pré-anestésica hematológica, bioquímica e de avaliação cardíaca, que revelavam ausência de maiores inconvenientes para o procedimento anestésico. O animal cumpriu jejum prévio alimentar de 8h e hídrico de 4h. Foi pré-anestesiado com solução de ketamina (5mg/kg) e Diazepam (1mg/kg), induzido com solução de propofol, seguido de intubação endotraqueal e fornecimento de isoflurano e O<sub>2</sub>, inicialmente a 4%, com manutenção a 1%. Foi recomendada a correção cirúrgica primeiramente no OE (transposição de comissura total labial pedunculada) tarsoplastia e, de acordo com o resultado obtido, proceder à cirurgia do OD. As cirurgias foram realizadas conforme a recomendação. A não correção da anomalia fatalmente iria proporcionar o agravamento da ceratite de exposição ao pelo adjacente ao defeito, e seguiria causando severa irritação corneal. Aproximadamente 35 dias após a apresentação inicial o animal foi submetido à cirurgia de tarsoplastia, com retirada da comissura labial ipsilateral com permanência de pedúnculo cutâneo, realizada sutura tanto do bordo palpebral quanto da área dissecada de formação do pedúnculo. Para tratamento pós-cirúrgico foi prescrito apenas associação de antibiótico, aminoácidos essenciais e vitaminas, Epitezan®, em forma de pomada oftálmica, na frequência de 3 X ao dia. Foi feita uma reavaliação uma semana após o procedimento e o animal apresentou-se bem e isento de infecção. Após 15 dias retornou para retirada da sutura e foi possível observar que a área de enxertia permanecia patente. O espaço de tempo entre a primeira visita e o procedimento de correção em si não determinou piora das condições da córnea, o que faz crer que, a partir de um bom manejo clínico, o cirurgião dispõe de tempo para programar caso a caso, qual será a melhor conduta cirúrgica a ser adotada.